

Geólogos X Ladrões de Carro Forte

Paulo Afonso Ribeiro Barbosa

Setembro/2007

A vida de geólogo de campo, além de ser gostosa, nos reserva algumas surpresas que, sem elas, não haveria graça nenhuma nos metermos no mato a troco de nada. Numa dessas, eu estava com alguns colegas de profissão mostrando umas áreas para o *staff* de uma outra empresa, visando uma *joint-venture*. Saímos cedo de Uruaçu, em Goiás e rumamos em direção à Niquelândia. Estávamos em quatro caminhonetes, sendo uma delas de cor branca. Na metade do caminho saímos da rodovia principal e pegamos umas estradinhas de terra até a área que deveria ser visitada. Passamos toda a parte da manhã vendo as rochas de interesse. Nesse meio tempo - ficamos sabendo depois -, uns bandidos assaltaram ali por perto um carro forte que levava dinheiro de uma cidade para a outra, mataram os seguranças e fugiram em quatro caminhonetes, sendo, por coincidência, uma delas branca, indo exatamente para o lado que estávamos e usando o mesmo tipo de carros que utilizávamos. A polícia toda da região, incluindo reforços da capital, saiu ao encalço dos criminosos, com carros e helicópteros e nós nem desconfiávamos de nada.

No começo da tarde, quando estávamos retornando por uma estradinha de terra, após um mata-burro, onde logicamente teríamos que passar devagar, havia uma casinha dessas da roça, com uns quatro montes de madeira para cerca bem ao lado. Eu fiquei um pouco para trás para evitar a poeira e quando passei o mata-burro, vi o pessoal dos dois carros que iam à frente descer abaixados e com as mãos na cabeça. Fiquei sem entender o que era aquilo, pensando que fosse um ataque de abelhas ou algo parecido. Quando olho para os montes de madeira, vejo uns onze soldados armados

de fuzil com baionetas enferrujadas, se escondendo por trás deles, apontando as armas para nossos peitos. Que situação difícil, sem entendermos o que estava se passando! Tinha um soldadinho mais afoito, ou mais despreparado talvez, que gritava: “*é eles, é eles, atira que é eles*”. Meu Deus do céu, se um deles desse um tiro, com toda certeza todos os outros o acompanhariam e seríamos transformados em peneiras humanas num piscar de olhos. Tinha uns velhinhos da empresa que nos visitava, que tremiam dos pés à cabeça, encostados em uma cerca de arame farpado, com as mãos à nuca e com a baioneta enferrujada do fuzil cutucando o peito.

Meu caro amigo, foi mais de meia hora de sufoco e tremedeira, até provarmos que “focinho de porco não era tomada”. Passado o susto, esclarecido que os bandidos que assaltaram o carro-forte não éramos nós, tiramos as mãos da cabeça, suspiramos um pouco mais aliviados e o Zé Bigode se lembrou que tínhamos um isopor com garrafas d’água na carroceria de uma das caminhonetes. Era tudo que precisávamos naquele momento. Mas quando puxamos o isopor e íamos pegar as garrafas do precioso líquido, os soldadinhos perceberam e vieram à toda para cima de nossas garrafas d’água, deixando-nos a ver navios. Foi então que o Zé, do alto de seu conhecido senso de humor, gritou para um deles, exatamente o que queria atirar primeiro e que era o mais afoito:

Ou! Deixa pelo menos uma garrafa d’água pra gente lavar a bunda, porque tá todo mundo cagado aqui.

Aí foi só gargalhada e a tensão virou farra...

Tá vendo como é bom ser geólogo!!!

Voltar para: CAUSOS & ESTÓRIAS DE GEÓLOGOS
<http://mw.eco.br/ig/causos/index.htm>

Colega: - envie seu caso sucinto em Word para
mvinge@terra.com.br